

es fre ga tio

um diálogo
com o fim

PRISCILA ALONSO

es fre ga tio

um diálogo
com o fim

1ª EDIÇÃO | SÃO PAULO | 2026

 **Fábrica**
de cânones

Copyright © Fábrica de cânones, 2026
Esfregatio: um diálogo com o fim © Priscila Alonso, 2026



Editor

Eduardo Guimarães

Editora-assistente

Maria Paula Lucena

Preparação e revisão

Maria Paula Lucena

Projeto gráfico e diagramação

Regina Dantas

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

A46e	Alonso, Priscila
	Esfregatio : um diálogo com o fim / Priscila Alonso.--
	São Paulo, SP : Fábrica de Cânones, 2026
	56 p.
	ISBN 978-65-85148-27-6
	1. Poesia brasileira I. Título
25-4564	CDD B869.1

Índices para catálogo sistemático:

1. Poesia brasileira

Fábrica de cânones

R. Professor Miguel Milano, 80, Vl. Mariana

CEP: 04012-010, São Paulo – SP – Brasil

Tel: (11) 98338-2314

@fabricadecanones

fabricadecanones.com.br

Para minha mãe, Marilene
e para meu pai, Danilo.

A conexão presente sonha o poema da aurora.

SUMÁRIO

11	NOTA INTRODUTÓRIA
13	MORADA
14	MORADA 2
15	VISITA
16	ENCONTRO
17	BALUARTE
18	CONTRAÇÃO
19	CARTA
22	PRESENÇA
23	OBITUÁRIO
24	ARTÉRIA
25	RODA
26	GIRA
27	MÁQUINA DE ALEGRIAS
28	FLORES
29	CARNAVAL
30	FANTASIA
31	FESTA
32	RITMO
33	RITUAL
35	IMPERMANÊNCIA
36	RITO
37	ABRIL
40	ESPELHO (REFLEXO)

41	CORPO CRIADO
42	VAZIO
43	MEZINHA — POÇÃO PODEROSA
44	LIVRO
45	SAUDADE
46	PANORAMA
47	MOTIVO
48	PREDADOR
49	SOTURNO
50	PALAVRA DADA
51	SEREIA
52	ADERÊNCIA
53	PALAVRA BORDADA
55	AGRADECIMENTOS

NOTA INTRODUTÓRIA

*Porque a frase, o conceito, o enredo, o verso
E, sem dúvida, sobretudo o verso
É o que pode lançar mundos no mundo*

Caetano Veloso

Em cursos e oficinas de escrita nos últimos anos, reativei em mim a lida e o treino com as palavras. Sempre tive muito amor por elas. A leitura é um hábito antigo, e os ensaios na escrita também.

Ao escrever com mais frequência, fui incentivada a publicar meu texto. Assim, surgiu este livro.

O texto é um corpo-vivo, está em toda parte, e a linguagem é também uma forma de organizar os eventos no tempo, no texto. O título apareceu quando percebi que as palavras e a vida faziam uma fricção com a realidade e a poesia. Daí me ocorreu *Esfregatio*, como se esse atrito virasse quase uma operação alquímica ou um material no qual o corpo-texto vira o corpo-livro, semelhante aos processos alquímicos talvez (e por que não?) guiando as ideias e a imaginação do conteúdo do livro.

MORADA

Não eram muito grandes os espaços que me interessavam e me chamavam. O da varanda, não era grande na altura, mas extenso na horizontalidade. Naquele eu precisava abaixar pouco e, por ali, via o tempo se movimentando na rua: poucos carros, bar e poucos transeuntes. A venda da tia Gracia era um boteco/mercearia acolhedor e amoroso. Na garagem, os espaços dividiam o jardim dos locais onde brincávamos quando crianças, pulando no pula-pula e, quando um pouco menos crianças, brincando de “gosta desse?”. Eram mais arredondados em minha memória. Não sei se bate com a realidade. Os da área de serviço protegiam o oitavo andar da praia e do céu lá fora. Para dentro, estantes, mesa, camas e sofá; para fora, céu, mar e areia. Abrigo e risco.

O gosto por janelas vem de longe. Os cobogós atiçavam a curiosidade para olhar através deles. Que mundo se abre por aí? O que passa por nós quando olhamos pelos buracos? Manoel, Ângelo e Bartolomeu.

MORADA 2

O fundo é frio e escuro. Mesmo dentro de casa é frio. Comer a morte é frio. Como a morte, e aprendo sua digestão. Assim vou sobrevivendo dela e dos restos dela. Habitar a casa do morto é tão frio que me afasta da superfície aquecida pelo sol. Meu corpo mole não tem proteção. Frágil e insegura, curiosa e assustada, busco abrigo. Respiro fora do ar.

Minha visão é turva, tumba.

Minha visão enxerga fora do ar, com meus olhos curiosos e interessados em alguém que me leve para outra casa. Há de haver muitas casas, muitas... Muitos abrigos, buracos para me proteger, caso contrário, briga certa.

Entro numa disputa acirrada, na qual nem sempre estou disposta. Tudo posto, e com olhar atento, na imensidão infinita do verde/azul, torço por encontrar uma alma não gêmea, de corpo transparente, mole e flexível, no qual estabeleço honesta e breve relação. Direta e hospitaleira, que queima e é veloz.

Queimem-se, predadores! Despoluo, purifico e depuro, dura missão!

UTI-lização!

VISITA

Cheguei sem pedir licença, inesperadamente e de repente. Vim para ficar, ainda que ao redor me vissem como alguém que poderia ser breve. Não fui chamada, invadi. Acabei com sua festa. Fui me adaptando e me acomodando. Instalei-me vagarosamente. Uma lentidão quase suave de tão violenta. De mansinho e diariamente virei rotina. Grudei e desvitalizei seu corpo. Não pensem que só chego de repente, venho para deglutir vocês devagarinho, sem considerar meu dono. Não tenho dono, eu sou dona! A resistência e a negação não me fazem desistir. Briga, embate. Virem-se! Arrumem-se!

Desde a chegada dela, eu, agora a outra, tento enxergar no escuro e no frio que me tirou ela de cena, sem permissão e sem aviso. Ela é dura na queda. Nunca mais vou atender uma ligação sua, nunca mais vou recebê-la em minha casa quente... Nunca mais! Continuo encarando a morte viva, vivendo a morte, vivo da morte. Caindo e tombando diariamente, encaro a estranha intrusa.